



Presença

Fundação Cuidar o Futuro

Fundação Cuidar o Futuro

Presença

MARÇO
ABRIL
1955 — N.º 8

J. U. C. F. — FILIADA NA «PAX ROMANA»

Sumário

Poema

Inconformismo

Os problemas femininos serão uma realidade

Crianças Anormais

A presença da Bíblia

Recorte da Bíblia

Ultramar, Terra de Missão Universitária

No Silêncio . . .

Ação Social

Pausa

Simone Weil

Página de Antologia

Cooperação Internacional

Noticiário da «Pax Romana»



Fundação Cuidar o Futuro

Poema

*Dize sim, meu filho,
Eu tenho necessidade do teu sim, como eu tive necessidade
[do sim de Maria
para vir ao mundo.*

*Porque sou Eu que devo estar no teu trabalho,
Sou Eu que devo estar na tua família,
Sou Eu que devo estar no teu meio,
e não tu.*

*Porque é Meu olhar que penetra e não o teu
É a Minha palavra que eleva e não a tua,
É a Minha vida que transforma e não a tua.
Dá-Me tudo, abandona-Me tudo.
Eu tenho necessidade do teu sim, para viver em ti e descer
[sobre a terra.
Eu tenho necessidade do teu sim, para continuar a salvar o
[mundo!*

*Oh, Senhor, eu temo a Tua exigência,
mas quem pode Te resistir?
Para que o Teu reino chegue, e não o meu,
Para que a Tua vontade seja feita, e não a minha,
Ajuda-me a dizer SIM.*

Michel Quoist

(do Boletim da J. U. C. do Brasil)

Inconformismo



Mal vai ao novos quando aprendem a transigir.

Quando perante o Erro ou o Mal se deixam de levantar, belos e audazes e gigantescos como cavaleiros de lenda, e se lhes entregam sem luta, precocemente envelhecidos (não o sabendo sequer) e já convencidos da inutilidade de todos os combates.

Nessa hora venderam pelo prato de lentilhas da comodidade burguesa, o direito que a mocidade lhes conferira de talhar um mundo mais belo e melhor.

E bendita seja tal intransigência, que aos violentos se promete o Reino dos Céus!

Mas esta sã intransigência — que não exclui o amor, antes o pressupõe a galvanizar tudo quanto de nobre e generoso existe — sabe voltar-se subtilmente sobre si mesma, sem que muitas vezes nos demos conta da mudança, e passa a chamar-se Criticismo.

Avesso do Inconformismo que é saudável e construtivo, instala-se à maneira de bacilo da alma capaz de poluir quanto se lhe aproxima.

Então, o que antes era inquietação e ânsia de Verdade, de Justiça, de Harmonia, muda-se em vício de apontar desvios, imperfeições. Sistemáticamente. Sem outro objectivo que não seja o de sobrepor a tudo um ponto de vista pessoal, forçadamente limitado:

«Eu acho...»

O que antes fora privilégio e virtude de espíritos moços transformado assim em azedume e sarro que só nas almas usadas é costume entrar-se!

E morde-se com estranho prazer, a orientação que se recebe, o texto que se leu, a atitude que alguém tomou, simplesmente porque um orgulho que se crê omnisciente, considerou discutíveis orientação, texto, atitude...

Já não há luta, nem ainda renúncia ao combate: apenas murmúrio confuso, momento de agitação que se julga vida e já precede o marasmo.

O verdadeiro Inconformismo é aquela insatisfação que principia por recusar quanto de falso e errado se acoita em nossas vidas. Exigência interior cada vez mais dura, que não contemporiza, nem adapta, nem acomoda uma Verdade maior que a alma.

Clima em que à vontade respiraram os Santos, e que sempre se paga com sangue, o seu Inconformismo foi incansável desejo da Perfeição de Deus espelhada no próprio coração e no dos outros.

Este há-de ser também o nosso Inconformismo.

Só então poderá assumir-se a atitude bela de quem levanta no ar um gládio com a sinceridade e a pureza de intenção indispensáveis a todo aquele que aceitou renovar os homens e as coisas.

Os problemas femininos serão uma realidade?

Quando olhamos para os acontecimentos e para a evolução do pensamento acerca da Mulher, vemos que desde o princípio do século houve uma profunda transformação, e que, por isso, a sua presença na vida social se tornou cada vez mais digna de nota.

Apesar da doutrina da Igreja, que desde os primeiros séculos do Cristianismo reconheceu à Mulher a dignidade essencial de pessoa humana («daqui em diante não haverá nem gentio nem judeu, **nem homem nem mulher, mas todos serão um em Cristo**») a penosa evolução das ideias, da cultura, e também do progresso material, não permitiu a imediata realização da doutrina católica a esse respeito.

A Mulher sofreu, durante séculos, as consequências duma errônea concepção da sua dignidade e da sua vocação específica. E no dia em que quis criar para si uma vida nova, fê-lo quebrando todos os laços tradicionais.

Assim nasceu o feminismo, que punha em relevo a igualdade de direitos do homem e da mulher, e se esforçava por dar a esta um lugar na vida social, política, cultural. Tinha nascido de uma necessidade de vida plenamente vivida por parte das mulheres que a burguesia, desprovida de grandeza e de ideal, atabafava, e se nele se encontrava uma parcela de verdade, continha no entanto, erros profundos.

Com efeito, pretendia a igualdade do Homem e da Mulher, o que fundamentalmente era a negação total da presença feminina no mundo.

A Mulher invadiu os domínios do Homem sem pensar em conservar-se feminina.

Por isso não pôde trazer à actividade humana a cooperação insubstituível da autêntica feminilidade. Tornou assim ineficaz a sua presença; e enquadrando-se à vontade numa sociedade donde a ideia de Deus fora excluída, aceitando tarefas em que o sentido da pessoa humana estava pervertido, a Mulher traiu a sua missão essencial.

Hoje o feminismo desapareceu, mas deixou rasto. Adquirindo os mesmos direitos que o Homem, suportando as mesmas dificuldades na realização de tarefas idênticas, substituindo-o em todos os domínios, a Mulher tornou-se-lhe igual. Esqueceu-se da sua vida, da sua vocação própria, e em consequência disso, não dá conta muitas vezes dos problemas femininos, da existência de uma vocação de Mulher.

Mais ainda, o Homem não repara que a Mulher é algo mais que um camarada, que ela é «a segunda dimensão do ser humano» (Gertrude von Le Fort). E quando, um e outro, parecem acordar para esses problemas, fazem-no muitas vezes sob um ângulo demasiadamente simplista, reduzindo a feminilidade a aspectos particulares.

À maior parte, a Mulher não surge em toda a riqueza do seu destino especial.

E, no entanto, se se meditar nos primeiros passos do Génesis ou no sentido da pessoa de Maria na história da humanidade, não pode deixar de se chegar à evidência de uma diferenciação nítida entre o Homem e a Mulher no plano de Deus.

Com efeito, a ideia encontra-se exposta no Génesis (I, 27), de modo suficientemente claro: «... E criou Deus o homem à Sua imagem; criou-o à imagem de Deus: Ele os criou homem e mulher». «Isto quer dizer que o ser humano, acabado de criar por Deus, tem duas metades distintas: o homem e a mulher. Esta aparece, portanto, estreitamente ligada ao homem, colocada no mesmo nível («... Ele os criou homem e mulher») mas de tal maneira diferentes que o texto sagrado o faz notar expressamente.

Qual o significado dessa diferença?

Não temos mais do que procurar na Escritura. Em dado momento do Génesis (II, 18) Deus diz: «Não é bom que o homem viva só. Façamos-lhe uma companheira semelhante a si».

E criou a mulher. «Não é bom...» quer dizer — creio eu — que não é justo para a ordem, a beleza, a harmonia do Universo, que o homem esteja só. Deus cria segundo o seu pensamento, segundo um plano estabelecido. E quando ele diz «Não é bom...», parece dizer que a Criação não está acabada, que não se completou ainda o pensamento divino que a tinha concebido. A Mulher apareceu assim, como o elemento final desta obra criadora, o ser necessário para harmonizar o universo das coisas criadas com a ordem divina.

A presença da Mulher, por si mesma, vem pois, dar o acabamento, a perfeição a todos os seres. Mas esta missão só adquire o seu sentido total em relação ao Homem. Porque o próprio Deus reconhece que «não é bom que o homem viva só». O ser humano não está acabado sem a metade feminina. É o sentido da exclamação alegre de Adão quando Deus lhe apresenta Eva: «Esta é o osso do meu osso, e carne da minha carne» (Génesis, II, 23). Ouve-se aqui a alegria do ser que atingiu a plenitude.

A Mulher é, pois, o complemento do Homem. Por ela, todo o universo criado se insere de novo na ordem de Deus, inclusive o Homem considerado em geral.

Esta missão atinge o seu auge na pessoa da Virgem Maria.

De facto, Cristo incarnou para inserir de novo na vida sobrenatural a vida humana diminuída pelo pecado. Maria, destinada desde a Eternidade, para ser a Mãe do Verbo Incarnado, é aquela que consente e aceita. Pelo seu «Fiat» permitiu que fosse restabelecida a ordem no Universo; completou assim por este acto a sua vocação essencial de Mulher. A acção especificamente feminina de Maria estende-se a todas as criaturas, em todos os tempos, em todos os lugares, e atinge-as na sua própria essência, porque, por um lado é condição das suas existências (Ela é a primeira

de entre todas as criaturas), e, por outro lado, dá-lhes mais do que a vida: a fonte da Vida.

Esta vocação de Maria é a tradução da Maternidade Divina à qual é chamada. Não são mais que dois aspectos da mesma vocação: um, coloca Maria em face do mistério da Santíssima Trindade; o outro, coloca-a em relação a toda a Criação.

E nisto se encontra a resposta ao sentido último da vocação feminina: é pela maternidade que a Mulher realiza a sua vocação de completamente da Criação dando acabamento às almas e às ideias. A vocação feminina de todas as mulheres é, portanto, símbolo imperfeito da plena realidade que é a vocação de Maria.

A existência, para a Mulher, de uma missão específica, fá-la encarar o mundo, a vida, Deus, sob ângulo diferente do do homem (por uma razão ainda mais profunda que a que leva um jurista ou um médico a encarar tal ou tal aspecto da realidade segundo a sua psicologia profissional específica). A diferenciação de missões conduz a atitudes essencialmente diferentes em face dos dados espirituais, culturais, morais, sociais, da realidade.

Encontramos aí a raiz dos problemas femininos.

Se se trata, por vezes, de problemas que no seu conteúdo, são especificamente femininos, trata-se principalmente de uma maneira feminina de encarar, quaisquer problemas segundo a perspectiva especial de uma vocação própria.

A diferença entre o Homem e a Mulher situa-se pois, na maneira imediata de atingir a Verdade, porque, evidentemente, o seu fim supremo é o mesmo — a glória de Deus.

Descobrir essa maneira especial de atingir a Verdade, eis a tarefa fundamental de cada mulher. Antes da queda, bastava-lhe existir, para o fazer. Mas depois do pecado é no sofrimento que se encontra a Verdade e nos encontramos.

O Homem perdeu o centro da sua personalidade; tem dificuldade em encontrar o caminho que traduz a vontade de Deus a seu respeito.

Mas Cristo veio; e com Ele a ordem nova. Ele dá a todos os homens a possibilidade de encontrar Deus, e nEle, as suas vocações e a realização das suas personalidades.

No entanto, Ele marcou os novos tempos com o sinal da Cruz, que dá sentido sobrenatural ao sofrimento desordenado depois da queda. E Cristo vai até ao ponto de partilhar este mistério da Cruz com Sua Mãe, a primeira das criaturas.

«E uma espada trespassará a tua alma» (S. Lucas, II, 35). Palavras que significam para todas as criaturas que os seus destinos não podem realizar-se senão com a Cruz.

A Mulher não poderá ser mulher senão pelo sofrimento. E se esse sofrimento lhe pode vir do exterior, vem-lhe sem dúvida alguma de si pró-

(Continua na página 13)

CRIANÇAS ANORMAIS

Para nós, falar sobre crianças anormais era praticamente impossível. Nem nos interessava fazer uma dissertação literária, com ideias mais ou menos bonitas; nem tínhamos conhecimentos que chegassem para fazer-mos uma coisa de que se pudesse tirar algum proveito.

A solução era só uma: procurar o Sr. Prof. Dr. Vítor Fontes, como Director do Instituto António Aurélio da Costa Ferreira, e pedirmos que nos falasse ele.

É portanto das suas palavras e das indicações que nos deu, que tirá-mos tudo o que se segue.

São múltiplas as anormalidades das crianças. Partindo dos anormais sensoriais — cegos e surdos —, os primeiros assistidos em Portugal, encontramos todos os cambiantes, até chegarmos aos casos extremos dos idiotas e dos imbecis.

Ponhamos de parte o 1.º caso — o dos anormais sensoriais —, que, se bem que não esteja completamente resolvido sob o ponto de vista assistencial e médico, está, pelo menos, bem localizado dentro das respectivas especializações, e entremos pròpriamente no capítulo que mais nos interessa e que temos de ter em conta: o problema da Higiene Mental.

Bastante desenvolvido em certos países, como nos países nórdicos e principalmente na Bélgica, o estudo da Higiene Mental está no nosso País ainda em período de evolução.

A assistência exerce-se aqui em três zonas — Centro (Coimbra), Norte (Porto) e Sul (Lisboa). Mas pròpriamente dedicada à Higiene Mental infantil temos apenas o Instituto António Aurélio da Costa Ferreira, em Lisboa.

Bastante desconhecido ainda o seu fim — segundo julgamos — o Instituto não é uma escola de recuperação, nem um hospital para tratamentos, mas um local de estudo.

Assim, a criança considerada anormal, é levada à consulta, consulta que começa mesmo já na sala de espera, em que é observado o seu comportamento, a maneira como brinca, como trata com os outros, etc.

A primeira pessoa a entrar em contacto com a criança é a assistente social, que faz um interrogatório sumário mas conciso sobre as suas condições de vida.

Só depois o médico faz a sua observação e, quando possível, o seu diagnóstico provisório.

O caso é em seguida levado ao director por quem é examinado e estudado.

E quando o diagnóstico não é evidente, é aconselhado o internamento.

Há aqui a notar que o Instituto tem apenas capacidade para cerca

de 70 crianças, dos 5 aos 15 anos, e do sexo masculino. Para as rapárigas o estudo tem de limitar-se apenas, portanto, ao que é possível fazer na consulta.

Mas encaremos o caso ideal dum rapaz, dentro do limite de idade, e para o qual haja vaga.

É recebido no Instituto. Aí faz-se o seu estudo, por análises, tests (avaliando-se por eles a sua idade mental), e, ao mesmo tempo pelo seu comportamento nas aulas, nos refeitórios e, principalmente, nos recreios, quando a criança tem maior possibilidade de se expandir livremente e de se mostrar tal como é.

Geralmente a estadia pode ir desde 2 ou 3 semanas até 6 meses. Durante este tempo a assistente social visita a família, completando o seu interrogatório e tentando por ele descobrir as causas das alterações psíquicas do doente. Além do interrogatório, ela tem ainda a missão de tentar melhorar o meio, mostrando até que ponto ele pode influenciar o desenvolvimento mental da criança. Está, portanto, a cargo da assistente social uma das partes mais importantes, para a boa evolução dos casos chegados ao Instituto.

Feito o diagnóstico definitivo, temos a considerar vários caminhos.

Há os casos extremos dos idiotas e dos imbecis. A solução é, para estes casos, o internamento em organizações especiais, como, por exemplo, as do tipo colónia agrícola, para os imbecis. Assim procura-se levá-los a fazer alguns trabalhos muito simples e põ-los portanto a render o que lhes é possível, diminuindo o peso morto que eles representam para a sociedade.

Como em Portugal ainda não há essas organizações, os pequenos, feito o diagnóstico, regressam a casa. O que se pode fazer nestes casos é, pois, por enquanto, preparar a família.

As crianças com o diagnóstico de débeis mentais, deveriam ser internadas em escolas de reeducação. Há em Portugal duas — uma, agregada à Casa Pia, tem a capacidade para cerca de 100 rapazes: é o Instituto Adolfo Coelho. A outra, o Instituto Condessa de Rivas, com lugar para 60 raparigas.

Nestas escolas as crianças aprendem profissões simples e essencialmente manuais, que conseguem fazer mecânicamente, rendendo bastante bem.

Surge depois o problema da sua colocação futura — visto os patrões preferirem um operário inteligente a um operário que, embora fazendo razoavelmente o seu trabalho, é um débil mental.

Qual a solução? Seja qual for, o certo é que eles devem ficar durante toda a vida, sob uma protecção especial que, ou os coloque em várias empresas, ou crie mesmo, para eles, indústrias à parte.

Quanto aos atrasados escolares, a solução são as escolas especiais, com professores preparados para esse fim pelo Instituto, com o estudo de Psicologia e Pedagogia. Estas classes têm um máximo de 15 alunos e funcionam com um regime normal, agregadas às escolas oficiais. Há 17 em Lisboa e 2 no Porto.

As crianças conseguem assim aprender razoavelmente, e fazer a sua vida, mais ou menos normal.

Estas classes especiais, de conjunto, dão melhores resultados do que as lições particulares, como é lógico, visto naquelas haver não só um contacto mais prolongado com os professores, mas também a convivência com as outras crianças, o que é importantíssimo.

O caso dos epilépticos é também para nós um problema importante, visto não haver no País nenhuma organização especial.

Investigando quais as causas possíveis de todas estas anormalidades mentais das crianças, chegou-se a dois factores essenciais — a hereditariedade e o meio.

Ambos muito importantes levantariam, inúmeros problemas se nos propuséssemos estudá-los a fundo. (1.º — Exame pré-nupcial, não com o fim da proibição do casamento, mas para que se tentasse uma profilaxia o mais eficaz possível e um conhecimento de todas as consequências que poderiam advir; 2.º — Causas económicas; 3.º — Educação familiar, etc.).

Para vermos a importância do meio consideremos por exemplo o caso dos falsos anormais, ou anormais de meio, que, tirados do seu ambiente se poderão comportar como crianças perfeitamente normais.

E aí, têm o seu papel mais importante todos os dramas familiares, que a criança capta e a vão moldando. Dramas morais e dramas económicos. Como se poderá desenvolver normalmente uma criança que não tem condições de vida normais?

O pai alcoólico, ou a mãe que sai de casa, ou o não haver que comer, ou a criança de quem ninguém gosta...

Em certos casos mais felizes poderemos esperar uma recuperação da criança, se conseguirmos uma melhoria do meio; mas noutros a anormalidade torna-se efectiva e entramos numa corrente difícil de interromper porque esta criança, vítima do meio, irá ela própria criar para outros um meio anormal.

Não são, no entanto, todos estes casos apontados, apesar da sua dificuldade e da sua urgência, os que constituem o maior problema da Higiene Mental em Portugal.

Porque estes são os casos evidentes, os que trazem os pais a procurar no Instituto, o remédio para a anormalidade dos filhos.

Os outros, os casos mascarados sob a aparência de mimo ou de pequenos defeitos de educação, os casos de que os pais dizem: «Coitadinho, ainda é muito pequeno; isto passa com a idade», são aqueles em que é preciso atentar com mais interesse. Todos — professores, pais, educadores, médicos.

Porque é aqui que é possível um trabalho mais eficaz e positivo.

São aquelas pequenas anormalidades de conduta — o pequeno que mente, que rouba, que urina na cama até muito tarde, que rói continuamente as unhas. Isto, que as famílias são levadas a considerar sem importância, pode realmente desaparecer até à puberdade. Mas se assim não acontece, nesta altura da vida em que todas as coisas se fixam e se forma

o carácter, essas pequenas irregularidades gravam a sua presença. — E surgem os desadaptados.

O problema da Higiene Mental Infantil é em Portugal, como em todo o mundo, um problema de grande importância no capítulo da assistência. Duma maneira geral, os pais colaboram bem, principalmente os mais pobres, para quem é uma consolação ver interessarem-se pelos filhos.

Nas classes sociais mais elevadas tenta-se por vezes ocultar as anormalidades das crianças, até mesmo as mais evidentes, entregando-as a uma criada e nada mais tentando no sentido de uma reeducação.

Mas isto é apenas uma consequência da falta de educação social que mais tarde ou mais cedo desaparecerá, tendo em vista o muito que já se avançou neste capítulo.

Muito mais teríamos a dizer sobre o assunto e sobre a visita que fizemos ao Instituto — com as suas camaratas, os seus refeitórios, as suas salas de aulas, de consulta e de tratamentos, a sua biblioteca com revistas da especialidade vindas de todo o mundo, e os seus pequenos internados.

Mas julgamos ter dito o essencial, como iniciação. Resta-nos agradecer mais uma vez ao Sr. Director todas as indicações que nos deu e sem as quais nos teria sido impossível fazer este pequeno estudo.

Maria Idália Correia

Fundação Cuidar o Futuro

Congresso Jocista

De 12 a 17 de Abril próximo realizar-se-á em Lisboa e Fátima o I Congresso Jocista.

Universitária, tu que não esqueceste as horas duras da preparação, e vives ainda o entusiasmo do nosso Congresso, leva em cada dia aos pés do Senhor, o esforço e as esperanças das nossas irmãs operárias.

E, se puderes, participa deles mais activamente, inscrevendo-te como congressista.

No próximo número, «Presença» fará mais larga referência a esta grande realização da J. O. C. F.

A propósito da Bíblia

Poder-se-ia repetir a propósito da Bíblia aquela palavra de Cristo quando, comprimido entre uma multidão sem número, disse aos que O rodeavam: «Quem me tocou?... Uma virtude saiu de mim».

Também da Bíblia sai sempre, para quem a toca, uma virtude e uma graça.

Ela é o Grande Livro, o Livro único, estranho, o Livro vivo da mensagem de Deus aos homens.

Livro de Deus, Livro do homem.

As suas palavras comunicam o mistério de Deus e revelam também a alma do homem de sempre, nas suas mais sublimes aspirações e nos seus mais belos anseios; a alma do homem também, nas suas quedas, na idolatria das suas paixões mesquinhas.

A poesia, a história, a sociologia, a etnografia, a psicologia terão pois na Bíblia uma fonte magnífica, um documento extraordinário que muito as enriquece e ilustra.

E o mundo do homem branco não teria por certo subido à dianteira na condução espiritual dos homens, sem este padrão; a cultura ocidental, sem a seiva plasmadora de valores que ele lhe dá, não teria produzido nem um Shakespeare, nem um Dante, nem um Corneille, nem um Dostoiévski.

Por certo, pois, que a Bíblia explica a condição toda e magnífica floração e fecundidade da cultura ocidental em todos os domínios.

É sob esse aspecto, um documento incomparável.

Mas é infinitamente mais do que isso.

Como que apetece ajoelhar quando se folheia, penetrada a alma numa unção que não se experimenta com qualquer outro livro.

É que ela é o Livro da Palavra, o único livro que transmite a mensagem de Deus. Por isso, que distância! Todas as suas letras assumem um significado singular, como veículo que são da Graça. Por isso, com que avidez, com que respeito, com que alegria, com que disponibilidade de alma não havemos nós (as que nos gastamos entre livros) de nos debruçarmos sobre o Livro, o Único Livro, o Livro da Salvação, o Livro que contém o mistério do homem e também muito do insondável mistério de Deus!

* * *

Algumas notas introdutórias à leitura e interpretação da Bíblia

1.º — A inspiração

Uma nota distingue materialmente, quanto à expressão do seu conteúdo, a Bíblia. E essa é, a de ser um livro inspirado.

Que quer isto dizer?

Que os autores dos Livros Santos escreveram «sob o impulso do sopro de Deus». S. Paulo diz também claramente que «toda a Escritura é inspirada por Deus». No entanto, este termo de inspiração deve ser precisado. Leão XIII definiu-o na Encíclica «Providentissimus Deus», dizendo: «A inspiração é um impulso sobrenatural pelo qual o Espírito Santo excitou e impeliu os escritores sagrados e os assistiu enquanto eles escreviam, de tal forma que eles concebiam exactamente, queriam contar fielmente e exprimiam com uma verdade infalível, tudo o que Deus lhes ordenava e só o que Ele lhes ordenava que escrevessem».

Esta definição, como diz Daniel Rops, é muito penetrante porque marca lugar «à inteligência e vontade humanas e ao poder de Deus».

De facto, Deus não escreveu miraculosamente a Bíblia nem Se serviu de médiums, um pouco à maneira da Pitonisa.

Serviu-se de homens que conservaram o seu talento, a sua personalidade, o seu estilo.

Uma personalidade, um talento, um estilo sujeitos a Deus, iluminados por Ele, mas não destruídos.

Portanto, uma colaboração estreitíssima entre Deus e o homem. É essa colaboração estreitíssima que assegura a chamada inerrância da Bíblia, definida não há muito pela Comissão Bíblica nos seguintes termos:

«O que o autor Sagrado afirma, enuncia, insinua, deve ser olhado como afirmado, enunciado, insinuado pelo Espírito Santo».

Põe-se agora portanto, logicamente, o problema da interpretação dos textos.

2.º — A interpretação da Bíblia

É preciso não esquecer a personalidade do escritor como homem, fruto duma época, duma sociedade, duma tradição.

É preciso entrar em linha de conta com o seu temperamento, o seu carácter, com todo o seu quadro psíquico.

O Espírito Santo utiliza todos esses dons e exprime-se através deles. Logo, há a contar com uma certa variedade que é índice de riqueza.

Este, portanto, o primeiro factor a ter em conta na interpretação do texto bíblico.

Depois, há a notar as dificuldades suscitadas pelas traduções.

Transcrevemos a este respeito, uma página de Daniel Rops que, por ser tão clara, não tivemos coragem de não vulgarizar.

Diz ele: «Realiza-se hoje um grande esforço para atingir o texto original. As línguas utilizadas pelo Povo Escolhido, hebraico literário que servia à Sagrada Escritura, aramaico das conversas familiares e mesmo o grego popular utilizado pelos Apóstolos, tinham o seu género próprio, as suas cambiantes, as suas expressões que muitas vezes não podem encontrar a sua correspondência exacta nas nossas línguas ocidentais modernas: neste domínio, mais que em qualquer outro, traduzir é sempre atraícoar um pouco.

E, quando se trata de línguas ocidentais, prontas para a hipérbole,

carregadas de poesia, imprægnadas de lirismo ampliador, convém, ao traduzi-las, aplicar-lhes uma espécie de coeficiente que aproxime o seu tom das nossas habituais expressões.

Alguns termos mesmo, puramente idiomáticos, traduzidos palavra por palavra, permanecem obscuros para um ocidental do século XX enquanto que eram perfeitamente claros para um semita do tempo de Cristo; quem sabe hoje em França que, em toda a Bíblia, o coração é considerado como a sede do pensamento, e os rins como a dos sentimentos?».

Ressaivadas, pois, estas dissonâncias, transpostas estas dificuldades que a aproximação e transposição dos textos suscita, falta-nos falar dos **gêneros literários** e do **significado dos factos** como elemento a ter em conta na análise do Livro Santo.

Sobre isso falaremos no próximo número, tentando assim preparar uma leitura esclarecida da Bíblia o que, por certo, virá preencher uma lacuna da nossa formação intelectual e enriquecer a nossa visão do mistério de Deus.

Maria Luísa Guerra

Os problemas femininos serão uma realidade

Continuação da pág. 6

pria: é preciso dominar-se, sacrificar-se, renunciar a si mesma, para se realizar plenamente e concluir a missão que Deus quis destinar-lhe.

Não deve tomar-se como feminino tudo o que é espontâneo, instintivo, na Mulher; corre-se o risco de enganar-se.

A verdadeira feminilidade aparece como a descoberta de Deus feita pela Mulher, e como o esforço sempre mais profundo para se tornar aquela que Deus pensou.

Maria de Lourdes Pintasilgo

Principais obras de Simone Weil:

- «Attente de Dieu».
- «La Pesanteur et la Grâce».

Sobre Simone Weil:

- «Simone Weil, telle que nous l'avons connue» — Gustave Thibon et J. M. Perrin.

RECORTE DA BÍBLIA

«Sim, Deus é bom para o justo,
Deus é bom para os corações puros:
E todavia os meus pés iam vacilar,
Pouco faltou para que eu caísse,
Enquanto olhava com inveja os insensatos
Enquanto contemplava a paz dos maus,
Porque eles não experimentam aflições,
Vigorosos e robustos no seu corpo,
Permanecem estranhos à miséria dos mortais.
Não são nunca atormentados como homens.

.....
Mas, Deus saberá isto?

O Altíssimo terá conhecimento?

São pecadores.

E no entanto são os felizes do mundo

E vai crescendo a sua fortuna!

É pois em vão que eu guardei o meu coração puro

E que na inocência, lavei as minhas mãos?

.....
E se eu tivesse dito: Está bem, falemos como eles!

Se eu tivesse agido mal para com a raça dos teus filhos?

* * *

Para me esclarecer, reflecti — porque isto era a meus olhos
um verdadeiro tormento.

Até que, penetrando nos segredos de Deus, me dei conta
do fim que os espera.

.....
Quando sentia os meus rins atormentados

Não era senão um insensato sem inteligência.

Era diante de ti como um animal sem razão.

Mas eu quero permanecer junto de ti — segura-me pela mão.

Conduz-me segundo os teus conselhos

E depois, tu me receberás na glória:

Porque, que outra coisa terei eu no Céu?

E, contigo, não desejo mais nada sobre a terra!

O meu coração e a minha carne desfalecem — o abrigo do meu
coração e a minha herança, são Deus para sempre!

Entretanto perecem, os que se afastam de ti;

Tu aniquilas todos os que te são infiéis.

Mas a minha felicidade é estar junto de Deus

— Tomei por refúgio, Yahweh, meu Senhor,

A fim de contar todas as suas obras,

As portas da filha de Sião».

Salmo 73

(Tradução adaptada por M. L. G.)

Ultramar...

Terra de Missão Universitária

Quando te escrevia, na última vez, sobre «Espírito de missão», tinha em mente o assunto sobre que hoje te venho falar.

Parace não restar dúvidas acerca das exigências apostólicas a que devemos corresponder, porque universitárias e porque católicas, dentro da profissão que escolhemos e em breve iremos exercer na vida.

Vimos que tudo se resumia, afinal, numa total consagração de todos os nossos dons (incluindo as aptidões profissionais), ao serviço da Igreja.

Porém, se bem pensarmos, veremos que tais exigências, válidas para qualquer profissão e local onde esta se venha a cumprir, ganham maior importância nas nossas vidas, quando o lugar que nos espera, se situa em terras do Ultramar. Aí, para onde qualquer de nós poderá ser chamada, tendo de responder com um «sim» ousado, destemido de renúncia e impregnado de Amor — aí nos aguarda a tentadora realidade de um mundo diferente, onde a ambição e o comodismo encontram campo favorável — aí, talvez tu, eu, teremos de vir a dar o nosso testemunho, como intelectuais e como cristãos... E para tal, teremos de estar preparadas.

Que vemos à nossa volta? A par de um punhado de vontades fortes e esclarecidas, que sentem aguilhoar o dever e generosamente se dão, os exemplos surgem, como motivo de escândalo, exemplos de tantos que trilharam como nós, uma carreira universitária, que arrastaram talvez um dia o peso de altas aspirações e se deixaram, ao cabo, submeter por esse mundo de facilidades, de interesses pessoais, de prazer... Acaso poderemos contemplar, sem dor, a atitude degradante de tantos, que deviam dar um testemunho gritante de Caridade, que por vezes actuam sob este signo, nas relações do «seu círculo» social, mas, fora desse círculo, na sua forçada convivência com o nativo, revelam um desprezo completo pela realidade sobrenatural, ou até simplesmente humana, do próprio indígena.

Sabemos que, no fundo, está o orgulho que leva a vergar ao peso dos louros (e, às vezes, do dinheiro...) e a considerar o indígena como um ser inferior, de escassa ou nula capacidade espiritual; de resto, não custa admitir que o indivíduo, entregue a si e ao seu triunfo, acabe por confundir com ignorância ou, o que é pior, com inutilidade, a própria inépcia rude dos nativos, que afinal não é mais do que um efeito natural da reduzida amplitude da sua vida e intercâmbio.

Universitária: para que um dia não venhas a tomar estas atitudes como algo de natural e inevitável, ou para que não cruzes os braços

perante tão cruas realidades, importa que desde já te debrucees sobre elas, não para julgar os individuos (tarefa que só a Deus pertence...), mas para estudares os problemas e preocupares-te com a solução precisa — lembra-te de que estás comprometida na difusão da Verdade e da Justiça!

Sim, interessa-te pela vida do Ultramar, muito especialmente do Ultramar português (não te limites apenas a ouvir discursos e a emitir opiniões sobre assuntos que desconheces). Procura ver as possibilidades do teu contributo, agora já como estudante, depois como profissional.

Se imprimires ao teu estudo de hoje uma latitude de interesse e de esforço que abarque os problemas ultramarinos, ainda que não chegues a soluções concretas, já terás dado muito...

Neste ponto, dirijo-me em especial a ti, universitária, que vieste do Ultramar para uma Universidade da metrópole e aqui te encontras preparando a tua vida futura. Ninguém, melhor do que tu, poderá entender os problemas que são naturalmente teus. Não faças destes cinco ou seis anos do curso um interregno na participação que deves dar à luta em que os teus conterrâneos e tantos de boa vontade se empenham. Não te deixes vencer pela distância que vos separa..., procura desde já descobrir enquanto estudante, como poderás servir essa pequena comunidade que é o teu próprio meio, um dia quando voltares — qual a faceta do teu curso em que lá poderás render mais? Isto é, qual aquela em que poderás servi-los melhor? E aos que estão cá e se preocupam seriamente com os mesmos problemas e carecem de testemunhos, de experiência vivida no próprio ambiente, dá-lhes o teu contributo — **colabora!**...

E vai mais longe: não te contente em o ocorrer resolver um ou outro «caso». Dá-te inteiramente ao único necessário — a salvação das almas. Se és católica, és apóstola e ninguém melhor do que tu poderá ser apóstola no teu meio. Já o S. Padre Bento XV, na Encíclica «Maximum Illud», afirmava:

«Não se pode dizer quanto vale, para instilar a fé nas almas dos nativos, o contacto de um apóstolo indígena, da mesma raça, carácter, sentimentos e inclinações, pois que ninguém sabe insinuar-se em suas almas como ele».

Daqui, podes já tirar uma conclusão, que, aliás, se impõe a qualquer de nós, natural da metrópole: que a passagem pela Universidade significa um treino de formação espiritual, de conquista de altura na vida sobrenatural, um treino de vida apostólica, de **vida missionária**...

Sim, porque um dia, talvez tu, eu, tenhamos de cumprir a nossa «missão», em «terra de missões», onde quer que a Igreja o reclame.

Entretanto, não esperes estar ao pé de missões para alargares o teu conhecimento sobre a sua vida, a sua prodigiosa acção, as suas dificuldades e necessidades. Não fiques também à espera para adquirir este conhecimento, que a Universidade crie cátedras de Missionologia: começa por ler algumas encíclicas sobre as missões católicas, procura apreender as suas aspirações e empreendimentos através de contactos pessoais ou das

publicações missionárias (lembra-te que Pax Romana tem o Subsecretariado das Missões, na Bélgica...), escuta o apelo angustiante da Igreja que não cessa de reclamar operários para a sua messe... S. S. Pio XII, em encíclica emitida em 1951, declara: «Quanto à Medicina e à Cirurgia, será muito conveniente solicitar o auxílio dos leigos diplomados, que aceitam de boa vontade abandonar a própria pátria a fim de se porem à disposição das missões. Mas é necessário que se distingam pela sã doutrina e pela virtude...». E referindo-se à colaboração na assistência social, acrescenta que é necessário reunir «leigos católicos bem preparados, honestos e aptos, que tomem à sua conta lançar e desenvolver tais iniciativas».

Não estás mesmo a ver, universitária, que o apelo é dirigido a ti, a nós, a todos nós? Não nos deixemos ficar passiva, comodamente à espera. Se Portugal é uma «nação missionária», provemo-lo nos nossos actos, nos nossos interesses e preocupações; não fiquemos embevecidas na ociosa contemplação de «gloriosas tradições» — para quê fazer coro nos louvores a santos e a heróis, que tornaram Portugal maior, se em «espírito e em obras», não nos tornamos dignas de seus feitos? Lembremo-nos de que, mais do que as palavras, actua o exemplo. Ponhamo-nos ao serviço da Igreja, em «espírito de missão» — ponhamo-nos disponívelmente ao serviço de Cristo, e retribuamos-lhe a dádiva grandiosa que Ele próprio nos fez: o nosso próprio ser.

... e fico-me a perguntar a ti e a mim, pela voz de S. S. Pio XII:

«Poderás olhar com indiferença para os quase 10.000.000 de almas que vivem nos domínios portugueses, e que no mensa iniciam a espera ainda a luz do Evangelho?...»

... «não quererás fazer quanto estiver na tua mão para conservar sempre vivo o que forma, não só uma das mais belas glórias, senão também um dos maiores interesses da tua pátria?...».

Maria Joana Mota Emiliano

Universitária:

Queres conhecer algumas das encíclicas sobre as missões católicas? Lê, por exemplo:

«Sancta Dei Civitas» — Leão XIII.

«Christi Nomen» — Leão XIII.

«Rerum Ecclesiae» — Pio XI.

... e as célebres encíclicas de Pio XII:

«Saeculo exeunto octavo» — dirigida a Portugal, nas celebrações Centenárias (1940).

«Evangelij Praecones» — emitida no 25.º aniversário da «Rerum Ecclesiae» (1951).

No Silêncio...

No silêncio estavam o Céu e a Terra por só ele exprimir o momento que acontecia.

Choravam luz as estrelas
o Senhor suava sangue
e os homens riam da Cruz porque já era Presença.
Os homens riam das presenças que não entendem.

A noite veio, e também era uma presença. Por isso, os homens não a suportaram e foram para suas casas — foram comer e dormir.
Ficaram no monte a Cruz e a Noite.

No Horto, o Senhor chorou.

Eu também estive no Horto, naquele momento único em que uma lágrima de Deus caiu por mim. Também lá estive e vi o Senhor só. Apenas as oliveiras a oferecerem-lhe a cinza escura dos seus ramos, porque os amigos adormeceram, cansados de expectativa.

O momento, de Eternidade, não cabia no cansaço dos amigos.

O Senhor compreendeu e chorou por não ser apenas homem e poder adormecer também naquela hora.

De rojos, a unir o Céu à Terra, Ele aceitou a ausência.

Só o Horto explica o Calvário. O Horto é a aceitação: Pai, faça-se a Tua Vontade.

E o sonho louco de que todos amassem o Pai levou o Senhor à Cruz.

Também lá estive em cada dor e em cada renúncia do meu Deus. Ofereceu-me uma gota do Seu Sangue que trago misturada no meu, a dar-me vida e a conduzir-me a Ele.

Também lá estive e vi que o Senhor não estava só. Com Ele, estava o Pai porque já tinha aceitado, e as suas palavras eram de paz e volta-r-lhe o olhar com que abençoara as crianças da Palestina.

Com Ele estavam também os dois ladrões: a humanidade que ama e a que odeia.

Estavam também Maria e João... Mas o Senhor continuará só enquanto eu não chegar ao Monte a oferecer-lhe a minha juventude, enquanto as minhas mãos permanecerem vazias de renúncia, enquanto eu não disser com a minha vida toda:

Senhor Jesus, que eu dê à Cruz que tu me deste a medida inteira dos meus braços.

Maria Bárbara Fernandes

Acção Social

Em face dos problemas sociais que a cada momento e dum modo tão premente se nos deparam, muitas vezes nos sentimos tentadas a afirmar tranquilamente que é ao Estado e não a nós que compete resolvê-los, pois é ele, afirmamos, que tem a missão de promover o bem comum.

Olhando à nossa volta verificamos a existência, numa sociedade que se diz cristã, dum classe de homens vivendo em condições indignas de seres humanos, dum classe que não tem que comer, nem que vestir nem muitas vezes uma casa onde se abrigar. Duma classe em que homens, e mulheres e crianças morrem de fome e de frio. E nós habituámo-nos a este espectáculo, e admitimos a existência dum classe miserável com a mesma naturalidade com que admitimos a existência dum classe burguesa ou dum classe agrária. E o escândalo dum sociedade em que uns têm tudo e outros morrem de fome deixou de ser escândalo para nós e quase não reagimos já perante o Cristo que, depois de morrer na Cruz, a cada dia e a nosso lado, morre de novo.

Se olharmos para trás vemos que nunca a História conheceu um espectáculo assim. Esta classe proletária que nada tem a que se agarrar, que perdeu a consciência da sua própria dignidade, que não tem já noção alguma dos valores espirituais, dos valores eternos, é o fruto do nosso tempo, tempo de progresso e de enriquecimento sem limites para uns, tempo de miséria, de morte, para outros. E talvez acreditemos que Deus, o Deus vivo e o Deus justo, criou os bens para que uns possuam tudo e outros não possuam nada...

Perante os nossos irmãos que sofrem vamos nós continuar a viver as nossas vidas tranquilas, continuar a estudar os problemas da Filosofia, da História, da Arte, continuar mesmo a exercer o nosso Apostolado, esperando que o Estado, com uma reforma mais ou menos revolucionária, dum momento para o outro, resolva todos os problemas, satisfaça todas as aspirações legítimas que muitas vezes eles já nem sequer têm? E não será esta uma forma cómoda de escondermos o nosso egoísmo? E não iremos nós, que condenamos o socialismo cair justamente numa das suas formas? Porque motivo, se defendemos a liberdade individual, se afirmamos que o Estado não deve sobrepor-se à iniciativa dos particulares, esquecemos estes princípios desde o momento em que venham abalar demasiado as sólidas posições conquistadas? Queremos porventura perder a ocasião de amar Cristo no pobre, e de O amar não apenas com um amor ideal, mas de traduzir efectivamente, em actos, esse amor? «... o apostolado arrisca-se a ser vão se não se acompanha de luta contra a miséria material, diz Mgr André Marie Charue.

Eu sei que ao Estado compete promover o bem comum, criar condições de vida que permitam a todos os indivíduos, a todas as famílias, atin-

gir um nível económico que lhes garanta meios e tempo para se ocuparem dos problemas espirituais, dos problemas especificamente humanos.

Mas se por qualquer motivo o Estado não realiza esta missão poderemos nós esperar indefinidamente que ele o faça? E, porque membros dessa sociedade em crise, e mais ainda, porque cristãos não estaremos obrigados a dar todo o nosso esforço, todo o nosso contributo, para resolver esse estado de coisas?

Eu pergunto se um dia, quando o Senhor nos disser «Tive fome e não me deste de comer, estava nu e não me vestiste», lhe responderemos com a mesma segurança com que o fazemos agora: «Mas, Senhor, era ao Estado que competia...».

Lendo os Actos dos Apóstolos encontramos — «A multidão dos que criam tinha um só coração e uma só alma, e nenhum dizia ser seu coisa alguma daquilo que possuía mas tudo entre eles era comum». E mais adiante: «E não havia nenhum necessidade entre eles, porque todos os que possuíam campos ou casas, vendendo-os, traziam o preço do que vendiam e depunham-no aos pés dos Apóstolos e distribuía-se a cada um segundo a sua necessidade».

Eu não pretendo que nós vamos hoje efectivar deste modo a nossa caridade. Pouco tempo depois, quando da fome de Jerusalém, se viu que não era o melhor, pois não havia entre eles quem possuísse bens com que ocorresse às necessidades dos irmãos.

Mas prontamente foram socorridos pelos irmãos das outras comunidades...

E hoje? Sabemos que Deus é o fim do homem e que tudo quanto existe no mundo existe para o ajudar a atingir o seu fim.

E Deus é o fim de todos os homens, não apenas o fim de alguns homens em particular.

Criou Deus, pois, os bens para que os homens, todos os homens, se servissem deles e pudessem subsistir de modo a realizarem-se plenamente, para que, tornando-se mais homens, se tornassem mais capazes de Deus. Os bens seriam pois um meio de salvação e não um obstáculo à salvação.

Ora da existência dos bens segue-se a necessidade do homem tomar posse deles e surge assim a propriedade particular, que S. Tomás afirma ser não um direito natural directo, mas um direito natural deduzido, isto é, enquanto acompanha um direito natural — o de viver em sociedade. A sociedade é de direito natural e a propriedade é indispensável à ordem social.

Mas a coisa deturpou-se de tal modo que é possível viver-se numa sociedade em que a propriedade é tomada não já como fonte do bem comum, mas bem particular. Ora, afirma Leclercq, quando numa sociedade há classes que não têm o mínimo que lhes garanta a satisfação das exigências fundamentais de habitação, alimentação e vestuário, de atingir o nível de educação média própria da sua classe, de possibilidade de sustentar uma família média normal, de seguro na doença e na velhice, e a

par destas há classes que vivem no luxo, a distribuição dos bens está mal feita e há que reformá-la...

É esta a doutrina da Igreja, esta a nossa doutrina.

Ser-nos-á, pois, lícito esperar passivamente que uma hipotética acção externa venha repor as coisas no seu verdadeiro lugar, ou, ao contrário, caber-nos-á desde já um papel activo na construção de uma ordem social nova?

Na sua pastoral, quando do encerramento do Ano Mariano, afirmou o Sr. Cardeal — «A sociedade contemporânea não realiza o Evangelho... Há multidões condenadas a um estado de pobreza, de insegurança, de dependência, que pedem uma acção heróica».

E nós somos chamados a esta acção heróica. Como realizá-la? Como realizar o Evangelho? Eu tenho de realizá-lo à maneira que o Senhor me pede, e que me pede a mim em particular. E decerto que essa maneira que Ele me pede não permite que eu continue a ter o necessário e o supérfluo enquanto irmãos meus, criados pelo mesmo Deus, remidos pela mesma Cruz, a meu lado e longe de mim, conhecidos e ignorados, morrem de fome.

E o que devo eu fazer? Aquilo que posso. E se só posso dar o dinheiro daquele eléctrico que não tomei por amor dos meus irmãos, é esse dinheiro mesmo que devo dar. E se posso construir uma casa, é uma casa mesmo que tenho de construir, nem menos uma telha.

E que eu não pense, Senhor, que se não posso salvar o mundo inteiro, fico dispensado de salvar o irmão que morre a meu lado.

E que eu não pense que porque o outro, aquele que tem mais obrigação do que eu — pelo menos assim o julgo — não dá o que devia, fico dispensado de dar tudo o que posso, talvez mesmo aquilo que não posso.

Pois que sei eu da obrigação dos outros? Acaso terá ele recebido as graças que eu recebi? E se porventura recebeu mas tratou, então Senhor, que eu dê mais ainda, que eu dê por ele e por mim.

Para que não suceda, Senhor, que se volte contra mim a palavra de Abraão ao mau rico: «Filho, lembra-te que recebeste os teus bens em tua vida, e Lázaro, ao contrário, recebeu males; por isso ele é agora consolado, e tu és atormentado».

Maria Susana Gaspar de Almeida

A solução de um problema de geometria não é, em si, um bem precioso. Sendo um pequeno fragmento de verdade particular, é a imagem pura da Verdade única que um dia, em voz humana, disse: «Eu sou a Verdade».

Encarado assim, todo o estudo se torna semelhante a um sacramento.

Simone Weil

PAUSA

Para que andas — diz Deus — sempre de cabeça baixa?

Porque a tua casa é pequena e escura?

Bem sei, eu conheço-a.

Vejo-te todos os dias, a acender o candeeiro com que te queres alumiar. E corres toda a casa, com ele na mão, a esquadrihares os cantos.

Mas, não reparas em que uma sombra, maior e mais densa, fica atrás da luz das tuas mãos?

Não vês que aquele corredor que alumias, logo recai na mesma escuridão?

Quando por lá voltas, tudo está, como se nunca tivesses passado...

Para que andas — diz Deus — sempre de cabeça baixa?

Porque és pobre? Sim, tu és muito pobre.

Bem te vejo a encher um saco, afinal um saco roto. Não encontra lá nada.

Contas, receitas, medidas, pesos, negócios...

Para que andas — diz ainda Deus — sempre de cabeça baixa?

Sabes de cor todas as pedras do caminho. Queres ir por aqui, por este piso que tu conheces. É a rua melhor para chegar à praça. Sim, tu lá sabes...

.....
E se abrisses as janelas e as portas da tua casa?

E se perdesse o jeito de fazer negócios?

E se esquecesses o trilho de todos os caminhos?

Então — diz Deus —
era uma vez o Sol
uma criança
e a alegria...

Maria Luísa Guerra

Simone Weil

Simone Weil tão depressa me atrai irresistivelmente, como com força idêntica me faz crescer na alma certa repulsa pela sua personalidade, tão estranha como grande. Creio que essa mesma grandeza de Simone Weil é afinal a razão do súbito terror que alterna sempre com o desejo invençável de aproximação e de que só se encontra paralelo em certos pesadelos infantis.

Pareceu-me, no entanto, que seria pecar contra a justiça não chamar a atenção das raparigas universitárias portuguesas para uma extraordinária Mulher do nosso tempo, só porque temperamentalmente, e (ai de mim!) também intelectual e espiritualmente, havia entre nós incomensurável distância.

Eis como aceitei a Verdade trágica de Simone Weil sem, contudo, aderir a ela.

Falar sòmente da vida aventureira dessa rapariga francesa, nascida em 1909 e morta há apenas doze anos, seria trai-la porque reduzi-la às proporções de uma heroína falhada, constantemente em busca de experiências de vida; mas passar em silêncio aqueles anos da sua existência que tão dolorosamente a predestinaram para a vocação do sofrimento, seria mutilá-la igualmente. É que Simone Weil ao legar-nos a bela história do seu espírito, ilustrou-a com a tortura física e moral da sua vida inteira, a tal ponto que para bem compreendermos, seria quase melhor dizer para bem sentirmos na carne a ânsia de sofrimento que a dilacerou, não podemos esquecer as ocasiões que deliberadamente procurou para comungar no sofrimento alheio.

A menina de cinco anos que durante a primeira Grande Guerra se privava heróicamente de açúcar em favor dos soldados, não deixava, apesar disso, prever a acção desenvolvida mais tarde pela jovem professora de filosofia, recém-licenciada, que, no próprio dia em que recebia os seus honorários, os distribuía quase integralmente pelos vizinhos a braços com a crise do desemprego; nem esta generosidade de recursos materiais ou de disponibilidade moral pode ainda comparar-se à grande doação de alguns anos depois: quando Simone Weil quis abdicar da sua condição social para desaparecer no anonimato da operária fabril primeiro, da trabalhadora rural mais tarde.

A concepção utilitária que hoje todos, em maior ou menor grau, temos da vida incapacitou-nos para compreender em toda a sua extensão esta atitude de Simone Weil.

Que uma intelectual renuncie aos direitos que lhe oferece o seu grau universitário, para se entregar ao mais humilde dos misteres, admi-

te-se geralmente — com relutância embora — quando o faça por imperativo da vocação religiosa, por exemplo; aceita-se já com maior facilidade, se procura baixar a meio diferente do seu com a preocupação de resolver problemas sociais; mas que seja compelido a tal extremo pelo desejo exclusivo de conhecer o amargor do trabalho, crucial, esmagador, sem consolação e sem esperança, não para lhe procurar remédio, não para o oferecer em sacrifício expiatório ou propiciatório, mas apenas para poder dizer com verdade: Sou igual aos outros. Recebi na dor comum o sinal da fraternidade cristã. — eis o que se nos afigura estranho porque perdemos de vista que a verdadeira prova de amor é na identificação que se testemunha.

«Transforma-se o amador na coisa amada», diziam os clássicos da dialéctica amorosa quinhentista. Foi o que fez Simone Weil numa transposição para o plano sobrenatural. Dela dizia um dos seus amigos, a propósito do amor com que nos Estados Unidos se devotava aos negros miseráveis do bairro de Harlem: «Se tivesse ficado mais tempo em Nova York, ter-se-ia tornado preta...».

Porque sem a partilha da dor, Simone Weil já não poderia viver. São dela estas palavras:

«A desgraça espalhada à superfície do globo terrestre persegue-me, esmaga-me a ponto de anular as minhas faculdades, e só poderei recuperá-las e libertar-me desta obsecção, se eu própria tomar também parte largamente no perigo e no sofrimento.»

Simone Weil não brandiu reivindicações, não organizou socorros de assistência, não se pôs directamente ao serviço do próximo. Entregou-se-lhe simplesmente. Confiou de-lhe a linguagem do Cristo.

Mas não se deteve aí. As loucuras sublimes da Caridade de Cristo, assim vivida, não se tornaram o seu escopo espiritual. A partir do momento em que Deus se lhe revela, Simone Weil obtém a certeza de que é o sofrimento o seu caminho de santidade, e é essa forma de espiritualidade precisamente o que nos choca.

Para ela, agora, a dor, física e moral, já não significa apenas o meio de amar os seus irmãos em Cristo; agora, porque reconhece a infinita grandeza de Deus, Simone procura o sofrimento por humildade, para se negar a si própria, para se destruir, para se convencer da sua miséria humana; daí essa corrida ansiosa para abraçar todas as formas de Cruz: o abandono dos mais elementares cuidados da sua pessoa, o desprezo pela opinião dos outros a seu respeito, a mortificação física de cada instante.

Habituada como estamos à pintura da santidade amável, santidade de acção de graças perene à maneira do Poverello de Assis, causa-nos calafrio a vocação de excepção a que Simone Weil foi chamada, lançando-se abertamente no ascetismo duro, sangrento, onde nem sequer a própria dor se transmuda em alegrias divinas. Sofrer alegremente deixaria de ser Cruz; o que ela quer é sofrer dilacerada, sem consolação de espécie alguma, com a alma em rasgões no meio do mais desesperador abandono de Deus e dos homens.

É na nossa incoerência quase estaríamos prontas a entender melhor a sua generosidade de agnóstica, quando disposta a defender o que menos objectivamente julgava ser o direito dos miseráveis partia, em 1936, para Espanha como miliciana da Frente Popular, do que esta auto-aniquilação da pré-cristã.

De tal modo ganhámos o vício de tabelar o preço à vida inteira, pondo a todos os actos uma etiqueta, nem sempre justa, de valor eterno ou, simplesmente, humano!

Escandalizará, talvez, alguns que se fale em mensagem de santidade a propósito de Simone Weil que não chegou a transpor os umbrais do Catolicismo, em cuja obra são numerosos os erros, a roçarem até pela heresia.

Mas que ela existiu, a aspiração das alturas, é um facto. A sua alma soube compreender a exigência de santidade que é programa inadiável de todo o cristão. E de que modo!

«Parece-me que verdadeiramente a santidade é, por assim dizer, o mínimo exigido ao cristão, como a proibição em questões de dinheiro ao comerciante, a bravura ao soldado, o espírito crítico ao sábio. A virtude específica do cristão tem o nome de santidade.»

Tendo-a compreendido, lançou-se apaixonadamente à sua conquista, mas por excesso de zelo, por escrupuloso amor à Verdade, que foi um dos traços dominantes da sua fisionomia espiritual, Simone Weil não chegou a dar o passo decisivo.

Condená-la-emos por isso, se pensarmos que tal resistência expressava apenas o receio de não entrar na comunidade católica com aquela honestidade nua perante a Verdade, sem a qual uma adesão representa já traição?

Despojando-se de quanto lhe recordava o seu lugar de chefe no mundo do pensamento, Simone Weil uma coisa conservou: precisamente o seu amor à Verdade, e por ele a consciência do dever a que se não podia furtar de, como intelectual, a transmitir. Porque um tanto à maneira dos sacramentos que imprimem carácter indelével, o intelectual, pela sua própria condição de consagrado, não pode deixar de o ser em qualquer tempo ou lugar.

Assim, a operária fabril, ainda quando esmagada por um trabalho de escravo, a vindimadora cujos pés sangravam sob a correia dos sapatos grosseiros, encontrava sempre o tempo necessário, imprescindível, para escrever longamente, profundamente, ao serviço da Verdade Eterna.

Ponhamos de parte os seus erros, as suas intransigências cujo tom violento lembra por vezes o de um Léon Bloy, a sua espiritualidade acalorada em demasia (aliás a casa do Pai tem muitas moradas!) fica-nos ainda o bastante para considerar Simone Weil como uma extraordinária mensageira da santidade necessária aos tempos modernos: santidade de génio, ou, como ela própria a compreendeu, «a santidade da inteligência humana aberta à Sabedoria de Deus».

Maria Isabel de Mendonça Soares

PÁGINA DE ANTOLOGIA

Heureux donc ceux qui passent leur adolescence et leur jeunesse seulement à former le pouvoir d'attention.

Sans doute ils ne sont pas plus proches du bien que leurs frères qui travaillent dans les champs et les usines. Ils sont proches autrement. Les paysans, les ouvriers possèdent cette proximité de Dieu, d'une saveur incomparable, qui gît au fond de la pauvreté, de l'absence de considération sociale, et des souffrances longues et lentes. Mais si on considère les occupations en elles-mêmes, les études sont plus proches de Dieu, à cause de cette attention qui en est l'âme. Celui qui traverse les années, d'études sans développer en soi cette attention a perdu un grand trésor.

Ce n'est pas seulement l'amour de Dieu qui a pour substance l'attention. L'amour du prochain, dont nous savons que c'est le même amour, est fait de la même substance. Les malheureux n'ont pas besoin d'autre chose en ce monde que d'hommes capables de faire attention à eux. La capacité de faire attention à un malheureux est chose très rare, très difficile; c'est presque un miracle; c'est un miracle.

Presque tous ceux qui croient avoir cette capacité ne l'ont pas. La chaleur, l'élan du coeur, la pitié n'y suffisent pas.

Dans la première légende du Graal, il est dit que le Graal, pierre miraculeuse qui par la vertu de l'hostie consacrée rassasie toute faim, appartient à quiconque dira le premier au gardien de la pierre, roi aux trois quarts paralysé par la plus douloureuse blessure: «Quel est ton tourment?».

La plénitude de l'amour du prochain, c'est simplement d'être capable de lui demander: «Quel est ton tourment?». C'est savoir que le malheureux existe, non pas comme unité dans une collection, non pas comme un exemplaire de la catégorie sociale étiquetée «malheureux», mais en tant qu'homme, exactement semblable à nous, qui a été un jour frappé d'une marque inimitable par le malheur. Pour cela il est suffisant, mais indispensable, de savoir poser sur lui un certain regard.

Simone Weil

(«Réflexions sur le bon usage des études scolaires en vue de l'amour de Dieu» in «Attente de Dieu»)

Cooperação Internacional

Enquanto preparava este trabalho, surgia no meu espírito, com persistente insistência, um quadro de Picasso, «A mulher que chora».

Este quadro é um dos mais significativos do período cubista de Picasso, e foi pintado com uma técnica que faz com que muitos perguntem como pode um artista, deliberadamente, desfigurar a tal ponto o corpo humano. Contudo, há nessa mulher alguma coisa que nos convence de que a obra do artista é extremamente séria. Apesar da rudeza de linhas e da aplicação grosseira das cores, esse quadro transmite com força tal a sensação do sofrimento, que se sente invadir-nos uma espécie de terror, à vista dessa dor profunda, tão profunda que parece impossível de acalmar.

A alma dessa mulher aparece arrancada das suas raízes e lançada em farrapos no lenço que ela conserva diante de si num gesto de abandono total. Na realidade, não se encontra resposta para esta tragédia que o artista surpreendeu num momento intensamente doloroso, para projectá-la aos nossos olhos e gravá-la na nossa consciência. E, pela imensidade do sentimento que exprime e pela reacção que suscita em nós, este quadro de «A mulher que chora» poderia ser bem o retrato do mundo em que hoje vivemos. Há nele uma alusão à imensidade do problema que o mundo moderno tem de encarar, e à reacção que esse problema tem suscitado entre os homens que o habitam.

O mundo moderno, de quem a História e os acontecimentos contemporâneos reclamam uma resposta, tem duas possibilidades: ou desesperar, ou aceitar humildemente a tarefa enorme que se lhe oferece. Não é exagero dizer que a personalidade humana se encontra ameaçada por esta enormidade e por esta complexidade.

Mas não basta condenar esse facto como um mal de que é preciso diminuir a força, ou como o fruto inevitável da nossa época materialista e pragmática. É incontestável que os ataques destas duas orientações filosóficas têm produzido os seus efeitos; têm comprometido a posição do homem no próprio momento em que ele é chamado a defender uma atitude de não-materialismo. Mas também é certo que a situação que reflecte esta complexidade compreende duas características essenciais da nossa época: primeiro, o globo terrestre foi reduzido a uma questão de horas, donde resulta uma maior interdependência dos povos; depois, o simples facto — que, todavia, não é tão simples — de que vivemos no século XX e temos atrás de nós quatro mil anos de experiência intelectual.

A experiência ideológica, que mantém constantemente alerta o nosso subconsciente, pede-nos esforços que teriam talvez assustado homens de outra época e que continuarão a horrorizar muitos contemporâneos. A reacção a essas exigências foi, no século XIX, a busca de soluções «simplistas»; no século XX, foi a confusão total. Creio todavia que a desordem da nossa época oferece, em potência, bastantes razões de esperan-

ca. O homem pode, ou continuar a sua aventura incomparável, ou ser lançado em trevas cuja profundidade é insondável.

Entretanto, esta esperança não deve fazer-nos esquecer que o mundo tem problemas, e que esses problemas são imensamente vastos. Ela não vem eliminar o facto já mencionado: a insuficiência que experimenta, inevitavelmente, o homem deixado a si próprio. Atrevo-me a dizer, contudo, que, para vencer esse sentimento, é absolutamente necessário que saibamos destruir — em parte ou mesmo totalmente — o individualismo que temos aceite agora; e acentuarei que isto não significa a destruição da pessoa, unidade inteligível de pensamento e de acção.

É igualmente necessário reflectir seriamente sobre a importância do esforço comum, da cooperação, com alguma coisa desse espírito que animava os construtores das catedrais da Idade Média. Mas, antes mesmo de poder empreender uma tal experiência, é necessário aquilo que chamarei «o apostolado da tomada de consciência», que, para mim, está directamente ligado ao sentimento que me invade à vista do quadro de Picasso, de que falei anteriormente. Mas isto é talvez, apenas, um ponto de vista pessoal.

Para que esse apostolado seja de qualidade, tem de basear-se na compreensão do mundo onde será exercido. Se existe actualmente tendência para uma comunidade internacional, é preciso que nos demos conta de que essa tendência radica na tragédia do século XX. É porque a raça humana tem sofrido e se tem degradado, que ela busca encontrar uma ordem nova, capaz de lhe fazer justiça.

As possibilidades da vida internacional dependem directamente da insuficiência dos sistemas que a humanização tem conhecido até agora. Seria uma ilusão acreditar que a comunidade internacional é alguma coisa que se fará automaticamente. Ainda que alguns trabalhem infatigavelmente pela sua realização, nem todos a desejam. E, contudo, ela é uma necessidade da nossa época.

Tornou-se banal dizer que, para compreender o mundo moderno, é preciso encará-lo de um ponto de vista internacional; mas, nas banalidades, escondem-se, por vezes, verdades da mais alta importância. É precisamente porque os homens são interdependentes e porque o seu destino, nos anos futuros, será um destino comum, que uma comunidade internacional é a única solução viável que podemos entrever e que podemos tomar para base do nosso trabalho. O futuro do mundo dependerá da confiança com que aceitemos essa solução e trabalhemos por ela.

Devo, entretanto, sublinhar que a comunidade de que falo não deve ser encarada, exclusivamente, segundo um ângulo de ordem política ou económica. É possível que a vida política e económica seja condição «sine qua non» da existência material da humanidade; mas ela não é essa própria existência, e pode sofrer a influência de outros factos que considero muito mais importantes. O essencial que é preciso reconhecer é que o laço fundamental entre os homens é a sua humanidade e as manifestações dessa humanidade. Se desejamos criar entre os homens um senti-

mento de responsabilidade mútua, é preciso tomar como base das nossas tentativas a herança e a compreensão desses homens. Quero dizer que, mais do que qualquer outra coisa, a exploração do homem, que conheceram os séculos passados e que nós conhecemos agora, feriu profundamente a sua alma. Por isso, devemos vir em seu auxílio, criando, entre nós, comunidades vivas de interesse, unindo as nossas forças na realização de tarefas vitais, respondendo às mais profundas aspirações espirituais do homem. A expressão «destruir as barreiras», que empregamos tantas vezes, deve realizar-se no espírito e no coração dos homens, antes de poder efectivar-se nas suas instituições. É com este espírito e com este coração que trabalha «Pax Romana».

Podemos recorrer a generalidades, falar de vida ou de morte, da existência e da não-existência, que estão em jogo. **Mas o que está verdadeiramente em jogo é a alma do homem, criada por Deus e resgatada por Cristo.** A nossa fidelidade relativamente à Redenção será directamente determinada pela medida com que nos demos nós próprios a esta tarefa: livrar o homem das cadeias que o mantêm no cativeiro, criar essas comunidades de interesses a que fiz alusão, **manifestar essa Caridade infatigável que é a base essencial de uma verdadeira comunidade dos povos sobre a terra.**

A nossa participação nesta tarefa liga-se directamente à consciência que tivermos destes problemas. Nos nossos dias, exige-se do cristão uma sensibilidade excepcional, para estar apto a discernir, na torrente agitada da experiência humana, os elementos que trazem tanto as promessas de futuro como as raízes da miséria. O cristão é chamado a estar profundamente consciente do que se passa à sua volta; deve trazer, para a solução das dificuldades dos homens, um contributo que se distinguirá pela sua qualidade, a sua competência, a sua compreensão dos elementos complexos que o formam, e, antes de tudo, pela Caridade que o inspirou e que não deixará de o animar.

O homem moderno não tem outro caminho, a menos que renuncie às suas responsabilidades. Ele deve fazer, dos diferentes elementos que estão à sua disposição, uma síntese que seja a resposta à inquietação dos nossos dias, e também, em certo sentido, à situação de que falei há pouco.

O Cristianismo deve, por sua natureza, impregnar todas as coisas. Ele não recusa nenhum elemento de valor; implica uma visão eterna e universal. No seu desejo ardente de difundir entre todos os homens a boa nova da Redenção, não pode contentar-se com um só aspecto ou uma só ideia. Está pronto a inspirar todas as ideias, todos os homens, todas as culturas, para que todos e todas tirem a sua força da vida do Homem-Deus. Num século que reclama uma síntese, que tenta alcançar a salvação pela fé no internacionalismo, só o Cristianismo possui as condições necessárias para essa transformação; só o Cristianismo apresenta uma visão do homem capaz de assumir essa tarefa enorme.

Seria, contudo, ilusório pretender minimizar essa tarefa ou conside-

rá-la fácil de realizar. Se não tivermos uma noção real das suas dimensões, não poderemos agir com o realismo necessário. Todo um mundo está aberto ao Cristianismo e é susceptível de ser inspirado pela sua visão de unidade. Mas, se nós não agirmos, perdeu-se toda essa esperança fecunda. E isto porque não sabemos compreender a nossa responsabilidade, ou porque não lhe fomos fiéis. Ora, na economia cristã, nem uma nem outra atitude é admissível.

Como já disse, as tarefas que se nos oferecem são de tal forma importantes que ameaçam fazer-nos crer na nossa impotência. E estou convencido de que, sòzinhos, somos incapazes de realizar alguma coisa. É quase impossível a um só homem — a menos que se trate de um génio — assimilar os conhecimentos necessários à formação dessa visão cosmopolita. Em face da opressiva imensidade e da confusão das ideias modernas, temos o dever de reconhecer humildemente que somos indispensáveis uns aos outros, que devemos procurar, em conjunto, essa visão de que falei.

A nossa caridade deve levar-nos a esperar que os que não são cristãos se dedicarão também, com amor e fidelidade, a esta missão. Contudo, como a experiência nos força a reconhecer a instabilidade dos movimentos não-cristãos (instabilidade mais ou menos acentuada, conforme o grau da participação dos cristãos nesses Movimentos), temos de afirmar que o Cristianismo e as exigências que nos são postas como membros do Corpo Místico, são a única fonte autêntica e duradoura desse cosmopolitismo.

O que resta considerar agora é, essencialmente, se nós, cristãos, queremos assumir esta tarefa; se estamos prontos a aceitar o pesado fardo que implicam sempre todos os problemas que gravitam em torno da noção de comunidade internacional; se estamos prontos a fazer um esforço universal para encontrar uma síntese, para formar uma autêntica comunidade humana, ou se nos contentamos em aceitar um ideal que tornamos irreal pela nossa própria recusa a sofrer e a agir no nosso tempo.

Estamos assim no âmago da questão; viemos a Flueli para considerar e discutir o papel do estudante católico na cooperação internacional. Temos de estar conscientes de que há outras forças que procuram monopolizar as possibilidades internacionais para fins que não tomam em consideração a natureza pessoal da missão a realizar; a essas interessa mais uma política de força e um sucesso económico — e nisto não se distinguem muito o mundo comunista e o mundo não-comunista. Eis a razão pela qual o papel do estudante católico é tão significativo e de particular importância.

Já falei da missão única reservada ao cristão: o **testemunho da Caridade**. Pela sua contínua preocupação do valor eterno da pessoa humana, ele pode ser árbitro entre as forças opostas. Relacionemos esta noção com a de «estudante». A Universidade deve conservar o seu espírito crítico, para oferecê-lo, como contribuição preciosa, à sociedade. Os anos

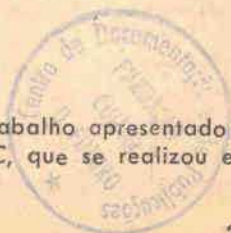
que temos vivido mostraram-nos a importância atribuída à Universidade pelas forças desejosas de destruir o direito de livre disposição no mundo. Essas tentativas mostraram, ainda que de forma negativa, a função essencial da Universidade, função que hoje se torna particularmente vital, sobretudo porque a Universidade é uma das raras instituições capazes, por sua natureza e estrutura, de avaliar e satisfazer as necessidades deste mundo em evolução. A Universidade desempenhará directamente o seu papel, impregnando os estudantes desse espírito universal.

O encontro, no quadro da Cristandade e no da Universidade, dos termos «estudante» e «cristão», é a melhor esperança para a compreensão mútua entre os povos, não porque seja uma bela coisa a fazer, mas porque é a única coisa a fazer. No entanto, ainda que compreenda tudo isto e que acentue vivamente esta necessidade, sou forçado a perguntar: — Quantas das nossas dificuldades e dos nossos fracassos se não devem simplesmente ao facto de que não estamos conscientes da nossa época e da sua tragédia? Quantos dos nossos mal-entendidos não provêm do facto de nos colocarmos à margem dos outros, ignorando negligentemente o nosso próximo? Quantas das nossas contrariedades não derivam do facto de não estarmos conscientes do sentido real da sua miséria — física ou moral, intelectual ou espiritual? Pergunto até que ponto o mal se não deve ao facto de não estarmos a realizar a pesada vocação que temos como estudantes cristãos, quando, por exemplo,, nada fazemos para acolher entre nós os estudantes estrangeiros ou quando, condenando os erros do mundo moderno, deixamos extinguir-se aos nossos olhos preciosas tradições culturais.

No contexto deste trabalho, eu disse que o quadro «A mulher que chora», de Picasso, poderia ser bem o retrato do mundo dos nossos dias. É uma imagem trágica, que revela profunda compreensão da reacção de um ser humano, num universo desumano e sem amor. Este quadro é de grande valor, tanto pela humanidade profunda que inspirou o artista, como porque revela uma das características do nosso tempo: uma profunda inquietação pela condição humana, uma fé inabalável na pessoa. Picasso não é cristão, mas está aí a sua resposta. Como cristãos conscientes, ávidos de melhorar as condições humanas e de estabelecer o Reino de Cristo, incumbe-nos agora a nós encontrar uma resposta que valha como esta, ou que seja melhor.

J. Mc Mahon

NOTA — Este artigo é a adaptação de um trabalho apresentado à Assembleia Interfederal de «Pax Romana» — MIEC, que se realizou em Flueli, em Agosto de 1954.



Noticiário da «Pax Romana»

Noticias de todo o mundo

* * De 2 a 6 de Janeiro último, realizou-se em Salzburgo (Áustria), um Encontro de estudantes exilados, promovido por «Pax Romana» e subordinado ao tema: «A teologia do problema dos refugiados».

* * Prosseguem, na América do Sul, as reuniões regionais das Federações de «Pax Romana» — MIEC. Assim, de 5 a 10 de Janeiro teve lugar em Valparaíso (Chile) uma reunião para estudantes do Chile, Bolívia, Peru e Equador; e está marcado para Fevereiro um Encontro que irá agrupar, em Buenos Aires, membros das Federações da Argentina, Paraguai, Uruguai e Brasil.

* * Realizou-se, em 5 e 6 de Fevereiro, na cidade holandesa de Tilburgo, o Congresso anual da União dos Estudantes Católicos da Holanda, na qual a J. U. C. F. foi convidada a participar.

* * Também a F. F. E. C. («Fédération Française des Étudiants Catholiques») convidou a J. U. C. F. a assistir ao seu próximo Congresso, que este ano se realizou em Dijon, de 19 a 22 de Fevereiro, sob o tema geral: «A evangelização do mundo estudantil». Esse tema desdobra-se em comissões de estudo, que são: «Estudo de conjunto das mentalidades estudantis»; «Atitudes e reacções dos estudantes em face da Igreja, tal como ela se manifesta no seu meio de vida»; «Papel das comunidades».

* * A J. U. C. F. do Brasil evou a efeito, em Niterói, um curso para dirigentes, sobre «A questão social». Foram tratados os temas: «Questão social — doutrina social da Igreja»; «Posição individual do cristão perante a questão social»; «Movimento operário»; «Pio XII e a questão social».

* * Subordinado ao tema: «A Universidade, a Cultura e a Sociedade», teve lugar em Bossey (Genebra), na Suíça, de 23 a 27 de Fevereiro, um Encontro entre representantes de «Pax Romana» e da «Federação Universal das Associações Cristãs de Estudantes».

* * Em Lovaina (Bélgica), realizará o MIIIC («Movimento Internacional dos Intelectuais Católicos» — Pax Romana) uma Semana de estudo que decorrerá em Abril e se ocupará do tema: «O homem e a energia nuclear».

Noticias dos Subsecretariados

...de Arte

O Subsecretariado de Arte promove este ano, em Paris, de 4 a 7 de Abril, mais um Encontro, cujo tema de estudo, será, desta vez, «A arte cristã moderna em França».

PRESENÇA

EDIÇÃO DA DIRECÇÃO GERAL DA J. U. C. F.
Avenida Duque de Loulé, 90, r/c-D. — Lisboa

Com aprovação eclesiástica

Composto e impresso nas Oficinas de S. José

PIEÇO 2351

Fundação Cuidar o Futuro